

RETERRITORIALIZAÇÃO DE MIGRANTES TEMPORÁRIOS MIRABELENSES¹

FONSECA, Gildete Soares²
gildettesoares@provenorte.com.br

RESUMO:

Este artigo tem o objetivo de analisar o processo de reterritorialização de migrantes temporários mirabelenses. O método utilizado consistiu em estudo bibliográfico e pesquisa de campo no Assentamento Santo Hipólito – inserido em Mirabela-MG, município localizado no norte de Minas Gerais – Brasil. Na migração temporária o indivíduo desloca no período das safras agrícolas ou outras atividades transitórias - sem que ocorra o abandono permanente do espaço de residência. Em Mirabela-MG, em função do baixo poder aquisitivo da população, os fluxos migratórios ocorrem anualmente, para outras regiões, dentro ou fora do Estado de Minas Gerais. Este contexto migratório resulta em transformações geográficas e culturais - ao migrar o sujeito pode melhorar ou não suas relações em sociedade e o retorno é um processo que propicia nova relação com o lugar, pois o migrante, na maioria das vezes, sente-se deslocado em busca da reterritorialização. Nossa abordagem sobre a reterritorialização está relacionada ao movimento de construção de território, cultura – propiciando implicações na territorialidade local. A busca pela reterritorialização pode ocorrer simultaneamente no tempo/espaço ou no ápice da desterritorialização, ou seja, as pessoas vão tentar espaços que tenham semelhança com suas realidades - (re) construindo identidades. Para a elaboração deste artigo fizemos um recorte da nossa pesquisa, analisamos a reterritorialização no Assentamento Santo Hipólito em que, das vinte famílias assentadas, dez dos chefes de família, ou seja, 50%, foram migrantes temporários. Notamos que para aqueles que foram migrantes, o espaço do cotidiano assegura comodidade, tranquilidade, sentem o prazer pela terra, estão cheios de esperança de uma vida melhor. Expressam a reterritorialização como uma relação de pertencimento com o lugar, afinal é difícil ficar longe da terra natal; para as esposas, a presença dos maridos tem um significado de harmonia, “viver em família”, desejando que os filhos permanecem no Assentamento Santo Hipólito.

Palavras Chave: Migração - Temporária – Lugar – Reterritorialização – Assentamento Santo Hipólito.

INTRODUÇÃO

A migração temporária configura no deslocamento de indivíduos em geral com baixa escolaridade e pouco poder econômico, que migram em busca da sobrevivência, conforme as safras agrícolas ou a construção de grandes obras, como hidrelétricas, enfim, atividades transitórias. Garnier (1980, p. 192) considera migrações temporárias “(...)

¹ Eixo temático: Mobilidade da população identidade cultural.

Resultado parcial da dissertação intitulada Espacialização das migrações temporárias de mirabelense – implicações na territorialidade local.

² Graduada e especialista em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES -MG, mestranda em Geografia pela PUC-SP. Professora do ensino superior da UNIMONTES-MG e do ensino médio do Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais.

oscilatórias que abrangem todos os movimentos nos quais o migrante não abandona o lugar de residência, a ele retornando periodicamente”.

Devemos considerar que a migração temporária é um processo social do grupo que propicia nova relação com o lugar - espaço de vivência, no entender de Martins (1986, p.75):

(...) a migração temporária, determinada seja por deterioração das relações de troca, seja por declínio da fertilidade do solo ou da produtividade da força de trabalho, é por si só um processo que provoca mudanças no meio social (...). O ausente e a ausência operam mudanças nas relações sociais do grupo familiar e do grupo de vizinhança.

No pequeno município de Mirabela, inserido no norte de Minas Gerais – região sudeste do Brasil - as migrações temporárias fazem parte do cotidiano da população desde o início da ocupação e formação do município, sendo uma ocorrência tanto intra como interestadual.

No cotidiano das migrações temporárias mirabelenses temos aspectos importantes: migrantes resistentes, que buscam alternativas de sobrevivência no próprio município, ou aqueles que por não mais agüentarem fisicamente o trabalho de migrante, tentam reintegrar-se aos costumes locais. Tanto um como outro vivem períodos contraditórios e complexos – desterritorializados / reterritorializados, ocorrendo, em algumas vezes, a (re) construção de identidades tradicionais, e em outras a exclusão sócio-econômica e cultural. No momento da resistência a interação entre os vizinhos, o espírito de comunidade, solidariedade, presente normalmente nos migrantes – pela humildade e as condições sócio-econômicas, promove vínculos.

Por outro lado temos o desenraizamento, relações opostas aos migrantes resistentes, uma vez que deslocam todos os anos, normalmente para um mesmo local, e acabam migrando definitivamente, apesar de encontrarem dificuldades em abandonar o espaço vivido e buscar de outra região. Levam consigo as fotografias (quando as têm), as lembranças, as “imagens geográficas” e a dor da partida, e mesmo que retornem para visitarem parentes, as “raízes”, os vínculos são afetados.

Nesse contexto de migrações mirabelenses este trabalho tem como objetivo analisar o processo de reterritorialização de migrantes temporários no Assentamento Santo Hipólito - inserido no distrito de Muquém. O método utilizado consistiu em levantamento bibliográfico e pesquisa de campo no Assentamento Santo Hipólito – em que priorizamos a história de vida dos homens que já foram migrantes e de suas esposas.

Podemos afirmar que pelas condições observadas de infra-estrutura física na área do assentamento e dos relatos, que os assentados não ganham em um mês o montante de dinheiro que ganhavam quando errantes nas fazendas de café ou em outras atividades, porém a alegria é evidente nos homens, esposas e filhos que não anseiam mais o deslocamento para o trabalho nas safras em outras regiões de Minas Gerais ou interestaduais. O fato de o Assentamento estar localizado no espaço onde os trabalhadores nasceram, cresceram, criam seus filhos, propicia uma maior identidade. Acreditamos que políticas públicas que fixam o homem no campo podem ser uma alternativa para melhorar a vida dos migrantes temporários de Mirabela e região, uma vez que o migrante persiste em um movimento de construção da cultura, as raízes que o tempo e a luta pela sobrevivência não apagaram - reterritorializar.

1 – ESPAÇO MIRABELENSE - MG

A região hoje denominada norte³ de Minas Gerais – local onde está inserido o município em que vivem os agentes do nosso estudo - foi palco das primeiras incursões ao interior do Brasil. A expansão dos currais de gado proporcionou o surgimento de grandes fazendas que, posteriormente, transformaram-se em arraiais, povoados, vilas e cidades. A pesquisadora da Universidade Estadual de Montes Claros, Anete Marília Pereira (2004, p.17), afirma:

O processo histórico de constituição do Norte de Minas inicia-se no século XVI a partir do movimento de expansão da pecuária, do Nordeste em direção ao sul, ao longo do eixo do Rio São Francisco. Também o movimento das bandeiras paulistas fundou várias fazendas de gado na região.

Dentro desse processo de “ocupação”, entradas e bandeiras vindas da Província de Porto Seguro e de São Paulo, ocorreu a formação do município de Mirabela. André Carvalho, Carlos Olavo da Cunha Pereira e Pedro Paulo Taucce⁴ (1998, p. 267) enfatizam:

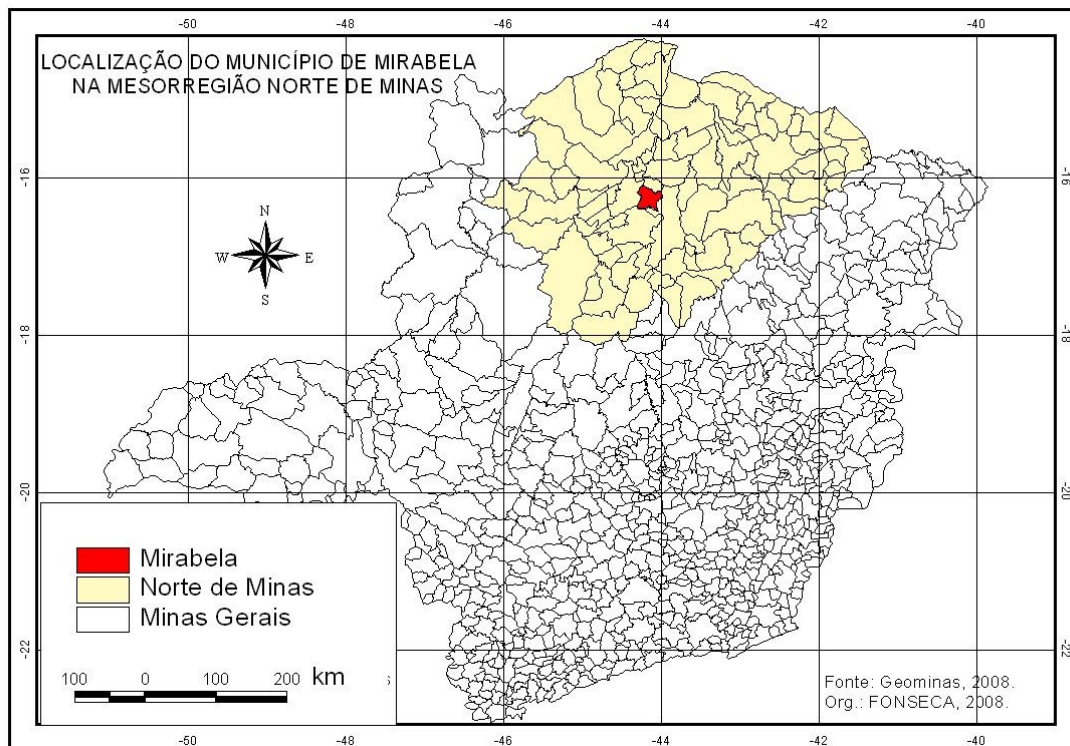
A região onde se localiza o atual município de Mirabela foi desbravada por Antônio Gonçalves Figueira, expedicionário da bandeira de Matias Cardoso era adjunto do bandeirante Fernão Dias Pais Leme. Ele viera no rumo da famosa expedição Espinosa-Navarro, que partiu de Porto Seguro em 13 de julho de 1553, e que abriu caminho para a colonização de vastas regiões das terras mineiras, especialmente as do Norte da Província.

Do ponto de vista institucional, o Município é criado em 31 de dezembro de 1943, quando o Distrito de Bela Vista foi elevado à condição de Vila, conquistando sua emancipação político-administrativa e alterando o nome para Mirabela. A instalação efetiva da Vila ocorreu em 01 de março de 1963 (MIRABELA – CÂMARA MUNICIPAL DE MIRABELA - 1996).

No Mapa 1 destacamos a mesorregião norte dentro do Estado de Minas Gerais e identificamos a área do atual município de Mirabela.

³ Existem vários critérios de regionalizar o norte de Minas Gerais, porém optamos pela Divisão Administrativa do Estado de Minas Gerais, onde a mesorregião do norte de Minas é composta por oitenta e nove municípios – área de 128.602 Km².

⁴ Autores da obra Minas: “Enciclopédia dos Municípios Mineiros”, abordam o processo de ocupação e formação dos 853 municípios de Minas Gerais.



MAPA 1: Mirabela na mesorregião do norte de Minas Gerais.
 Fonte: Geominas, 2008 . Org. FONSECA, 2008

Dentro do contexto de extensão territorial da mesorregião norte-mineira, o município de Mirabela pode ser considerado pequeno, ocupando uma área de 723,3 Km², entre as coordenadas geográficas latitude (GMS) 16° 25' 12,00000"/ 16° 05' 23,99999" sul e longitude (GMS) 44° 18' 36,00000" / 43° 58' 47,99999" oeste.

O marco da sede apresenta as coordenadas geográficas 16° 15' 46" sul e 44° 09' 52" oeste. Limita-se geograficamente ao sul com Coração de Jesus, a oeste com Brasília de Minas, a norte com Patis e a leste com Montes Claros. O acesso à cidade é pela BR 135, distanciando em linha reta 516 km da capital mineira Belo Horizonte, e 56 km de Montes Claros - cidade pólo do norte de Minas Gerais.

Segundo o censo 2000, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –IBGE - (2000), a população mirabelense é de 12.552, sendo que 9.476 estão distribuídas nos sete Bairros do município: Bela Vista, Centro, Cristo Redentor, São Geraldo, São João, São José e São José II. O restante da população (3.076) está no Distrito de Muquém, povoado de São Bento, e em vinte e oito comunidades: Riachão, Córrego de Areia, Riacho Danta, Taboquinha, Santa Cruz, Barra da Taboquinha, Retiro, Riacho das Pedras, Cabeceira, Laranjeiras, Areal, Barroca D'água, Carabinha, Degredo, Córrego do Chapéu, Currel Velho, Várzea de Baixo, Brejinho, Porções, Tabocas, Travessia, Passagem de Cima, Vertente, Rancho Alegre, Santo Hipólito, Ana Gonçalves, Vereda e Mata Barroca.

O Distrito de Muquém - local onde está inserido o Assentamento Santo Hipólito -, possui uma população total de 1.197 habitantes (IBGE, 2000), que vive basicamente da agricultura de subsistência e de migrações temporárias. Percebemos em nossa pesquisa que

tal fato é comum em todo município, desprovido em todos os setores de infra-estrutura para atender as necessidades básicas dos mirabelenses.

Dentro desse contexto analisamos os setores que geram postos de trabalho na sede do município. A Prefeitura, em determinadas áreas nos setores de educação e saúde, por exemplo, requerem nível superior e ou técnico (mão-de-obra qualificada), excluindo muitos mirabelenses. O comércio absolve parte dos trabalhadores locais, assim como o setor industrial, que conta com duas empresas de produtos cosméticos, gerando mais empregos indiretos do que diretos. Percebemos que as atividades econômicas do município não suprem a demanda de emprego, agravando a situação econômica e social. No campo, a agricultura é basicamente de subsistência: cultivo de milho, mandioca, feijão, cana-de-açúcar, hortaliças, coleta de frutos do cerrado; alguns postos de trabalho temporário são gerados pela transnacional Nestlé, que possui uma área de plantação de eucalipto, e a extração de areia por empresas com sede em Montes Claros, que geralmente trazem os próprios funcionários.

Quanto à pecuária, há uma Cooperativa Agropecuária Regional em Mirabela, responsável pela pasteurização de leite; no entanto, a criação de bovinos para corte é mais expressiva. A cidade conta com aproximadamente trinta açougues - a maioria pertencente ao mesmo comerciante - a carne de “sol” de Mirabela é conhecida como uma das mais saborosas da região norte-mineira; entretanto, é perceptível o descuido da vigilância sanitária em determinar normas de higiene, pois as carnes são expostas de forma inadequada.

Agravando mais a situação dos mirabelenses existe a ocupação de trabalhadores montesclarenses em instituições como Banco do Brasil; Delegacias; além dos funcionários do setor de saúde (médicos, enfermeiros, dentistas e psicólogo); e da educação como professores do Estado. Para estes, Mirabela é apenas o local de trabalho, provavelmente tal fato é facilitado pela proximidade com a cidade de Montes Claros.

A sobrevivência da população mirabelense que não possui uma fonte de renda fixa é agravada cada ano em função do longo período de estiagem na região, com exceção do verão que é chuvoso, o restante das estações apresentam seca. Dessa forma, muitas pessoas que vivem no campo e algumas que moram na cidade migram temporariamente para outras regiões em busca de trabalho. Everett Lee (1990, p. 99) define migração como “uma mudança permanente ou semipermanente de residência”, nesta ótica podemos incluir algumas mobilidades de mirabelenses.

O fenômeno das migrações temporárias é característico da população de menor poder aquisitivo de alguns dos oitocentos e cinquenta e três municípios de Minas Gerais, principalmente das regiões Norte e Vale do Jequitinhonha⁵. Silva (1999), na obra “Errantes do Fim do Século”, faz uma abordagem dos migrantes que cortam cana-de-açúcar em Ribeirão Preto – SP, sendo que parte destes são do Vale do Jequitinhonha.

Os principais deslocamentos dos mirabelenses dentro de Minas Gerais acontecem para Presidente Olegário, Patos de Minas – Triângulo Mineiro, Campestre e Alfenas – sul / sudoeste de Minas – onde os errantes trabalham na colheita de café. Quanto às migrações interestaduais, elas incidem para Palmas – localizada na mesorregião oriental do Tocantins – região Norte do Brasil; para o município de Aquidauana – inserido no Pantanal Sul –

⁵ Região composta por 74 municípios, situada no Nordeste do estado de Minas Gerais, marcada pelo período de seca (março a novembro) e enchentes - rio Jequitinhonha (dezembro a fevereiro).

Mato Grossense – região Centro-oeste brasileira e Barreiras - no extremo oeste da Bahia – Nordeste do Brasil (nesses Estados o trabalho se restringe ao corte de madeira).

Apesar das dificuldades em termos de infra-estrutura em que vive a população mirabelense, existe uma identidade presente nos valores simbólicos, nos festejos (...), Claval (2001, p 66), afirma: “A construção das identidades está intimamente ligada à organização territorial e à maneira como é percebida por quem é responsável por essa organização ou a experimenta”, ou seja, as representações da identidade mirabelense estão susceptíveis as diversas experiências e dinâmicas.

Neste sentido, o processo de constituição da identidade dos migrantes temporários mirabelenses passa por reterritorialização, onde o lugar – o espaço vivido - normalmente é associado a uma materialidade definida por “relações simbólicas, míticas, identitárias e históricas do grupo social que ali reside.” (CIRO MARCONDES FILHO, 1996, p.146-147), ou seja, a construção ocorre ao longo de um período. Sentimentos de afinidade, repúdio ou indiferença que desenvolvemos por um espaço são essenciais na formação de lugares, e ou novas identidades. Neste processo pode ocorrer a desterritorialização, a reterritorialização e a multiterritorialização. Haesbaert (2006, p. 193), aponta:

A desterritorialização arrasadora dos aglomerados excludentes produz assim o anonimato, a anulação de identidades e a ausência praticamente total de autonomia de seus habitantes. Por isso neles podem ser geradas, com relativa facilidade, **reterritorializações** de caráter reacionário, muito conservador, gerando mesmo o extremo oposto da desterritorialização dos aglomerados: os *territorialismos*, vulneráveis que são as mobilizações sociais extremamente reacionárias. (grifo nosso)

A interação entre os vizinhos, o espírito de comunidade, solidariedade e humildade, características normalmente presentes nos migrantes – a floradas pelas condições sócio-econômicas a que são submetidos -, promovem vínculos que auxiliam na resistência. Assim, “[...] a identidade entre indivíduos, entre grupos, é também a identidade que eles estabelecem com os lugares”. (HISSA E CORGOSINHO, 2006, p.13). O migrante persiste em um movimento de construção da cultura, as raízes que o tempo e a luta pela sobrevivência não apagaram – ocorrendo a reterritorialização.

2- ASSENTAMENTO SANTO HIPÓLITO - ESPAÇO DE RETERRITORIALIZAÇÃO

No dia 02 de setembro de 2008 tivemos a oportunidade de realizar um trabalho de campo no Assentamento Santo Hipólito – distrito de Muquém – onde participamos de uma reunião da Associação dos Trabalhadores Rurais de Muquém. O Assentamento Santo Hipólito apresenta para nós uma peculiaridade – dos vinte agricultores beneficiados dez, ou seja, 50% já foram migrantes temporários. O Assentamento Santo Hipólito surgiu da luta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município de Mirabela e da Fundação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado de Minas Gerais –FETAMG-, que conseguiram capital para aquisição de terras através do Programa Nacional do Crédito Fundiário. O Programa Nacional do Crédito Fundiário está integrado ao Plano Nacional de Reforma Agrária do Ministério do Desenvolvimento Agrário - vinculado à Secretaria de Reordenamento Agrário, ou seja, os recursos vêm da esfera federal.

A escritura para aquisição das terras foi lavrada no dia 18 de fevereiro de 2005, nesse mesmo ano foi liberado o valor de duzentos e vinte e dois mil e seiscentos reais - o empréstimo concedido aos trabalhadores foi utilizado para compra das terras - 15,7 hectares por família e, segundo o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Mirabela, um total de quarenta cabeças de gado. O parcelamento da dívida é de doze anos, o trabalhador pagará quatrocentos reais por ano, sendo que poderá neste período participar de outros programas, como o Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF. Em 2008, os agricultores pagaram a primeira parcela do empréstimo sem qualquer dificuldade.

As terras do Assentamento são abastecidas com apenas um poço tubular, porém existe a perspectiva de abertura de outro poço, há também energia elétrica. As famílias cultivam café, cana-de-açúcar, feijão, milho, verduras, hortaliças e mamona. Toda a mamona colhida é vendida para a Petrobrás, que está instalando uma fábrica de Biodiesel na cidade de Montes Claros e desde 2007 assinou contrato com a Associação dos Trabalhadores Rurais de Muquém, comprometendo-se a comprar toda a safra.

Das vinte famílias assentadas, dez já construíram casas nas terras, as demais moram no distrito de Muquém, deslocando-se diariamente para o assentamento. A sede da Associação, onde acontecem as reuniões, serve de “pouso” para as famílias que ainda não obtiveram recursos para construir suas casas. A sede possui fogão (a gás e a lenha), camas, mesas, cadeiras e vasilhas. As Figuras 1 e 2 evidenciam a área do Assentamento Santo Hipólito.



Figura 1: Reunião dos assentados
Autora: FONSECA, G. S, 2008



Figura 2: Plantio de cana-de-açúcar
Autora: FONSECA, G. S, 2008

A Figura 1 representa a reunião do dia 02 de setembro na sede do Assentamento Santo Hipólito, e a Figura 2 o plantio de cana-de-açúcar que está localizado no fundo da casa: existe também o engenho para produção de rapadura.

Durante nossa visita no Assentamento tivemos a oportunidade de ouvir relatos dos agricultores que já migraram para outras regiões em busca de trabalho. Fizemos indagações sobre o tipo de atividade que desenvolviam quando migravam e o que mais sentiam falta quando estavam em outras regiões. Todos, sem exceção, responderam que já foram trabalhar no corte de cana-de-açúcar e na colheita de café. Os migrantes enumeraram que, em primeiro sentem mais falta das esposas, depois do lugar e por último dos filhos e ressaltaram:

Viver sem a mulher é ruim demais, tem dia que dá vontade de vir embora, os filhos crescem e largam a gente, mais a esposa tá junto tempo todo, dormir com um bando de homem, o coisa chata. (risos de todos), (sic).

O grau de importância atribuído às esposas e companheiras é compreensivo, assim como o lugar, a rotina das casas, pois permaneciam longe do espaço de vivência. Não consideramos estranho o fato de os homens sentirem mais falta das esposas do que dos filhos, tal atitude está na cultura dos migrantes. Frederico Lucena de Menezes⁶ (2007, p 109) reforça essa idéia. “A migração abandona os valores que foram formadores, mas ao mesmo tempo os carrega como tropa de choque para a nova situação”.

Quanto ao lugar referido pelos migrantes trata-se do distrito de Muquém, pertencente ao município de Mirabela. Em outra pesquisa⁷ tivemos a oportunidade de analisar como é a relação entre a população e o espaço de vivência em Muquém.

Muquém é a conexão rural-urbano, prevalecendo a ruralidade, porque apresenta fenômenos sociais, econômicos e culturais locais dinâmicos em consonância com a contemporaneidade. Constitui uma ruralidade-lugar revestida de particularidades do modo de vida, referência identitária e lugar de espaço vivido típicos do ambiente rural, mas estabelecendo simultaneamente co-relações com a sociedade do local ao global “(SILVA, SILVEIRA E FONSECA, 2007, P.18)

Notamos que para aqueles que foram migrantes, o espaço do cotidiano assegura comodidade, vida de tranquilidade, característica do interior mineiro, percebemos nas famílias a reterritorialização, após o período de desterritorialização. Conversamos também com as esposas dos ex-migrantes que apontaram as dificuldades em educar os filhos e o sofrimento desses com a ausência dos pais. As mulheres não falaram dos seus sentimentos, porém uma senhora chegou a chorar quando mencionou a dor em ver o filho migrando como o pai.

Menezes (2002, p 87) aponta: “A migração circular dos homens, ao longo de várias gerações, transformam as mulheres em chefes de família durante a ausência dos homens. (...) permanece como marido ou pai para a família”. Para as mulheres a presença dos maridos tem um significado de harmonia com a “terrinha”, (como dizem), a esperança de que seus filhos não sigam a trajetória dos pais.

Questionamos aos homens por que abandonaram a migração e como estão as condições de vida atualmente. Eles foram objetivos em responder que quando surgiu a oportunidade de terem suas terras, cultivar os alimentos sem ter que abandonar as esposas, os filhos e a comunidade não hesitaram deixar o serviço tanto no corte de cana como na colheita de café, pois é muito cansativo em relação ao que fazem hoje, além da saudade e da incerteza do retorno. Os agricultores⁸ afirmaram que ganham mais, pois cultivam “seu pedaço de terra”, desejando, agora outra vida para eles e seus filhos, na esperança de que não falte serviço aos filhos e netos no lugar, afinal é muito difícil ficar longe de casa.

⁶ Médico, psicanalista, migrante e pesquisador da temática. No artigo Migração: Uma perspectiva Psicológica, uma leitura pós-moderna ou, simplesmente, uma visão preconceituosa faz uma abordagem das relações dos migrantes com os lugares.

⁷ Espaço vivido, lugar e ruralidade em Muquém distrito de Mirabela-MG – publicado no X Simpósio de Geografia Urbana em 2007.

⁸ Os agricultores informaram que no dia 02/10/2008 foram cinquenta migrantes do distrito de Muquém para o corte de cana no sul de Minas Gerais – o “gato” responsável é de Brasília de Minas.

Podemos afirmar, pelas condições observadas de infra-estrutura física na área do assentamento, que os trabalhadores não ganham em um mês o montante de dinheiro que ganhavam nas fazendas de café ou nos canaviais, contudo, há uma melhor qualidade de vida, estão felizes. É impressionante e ao mesmo tempo contagiante a alegria tanto dos homens como das esposas e filhos que não anseiam mais pelas safras em outras regiões de Minas Gerais ou outros estados.



Figuras 3, 4, 5 e 6: Agricultores que abandonaram a vida de migrantes.
Autora: FONSECA, G.S, 2008.

As Figuras 3, 4, 5 e 6 apresentam quatro dos dez agricultores do Assentamento Santo Hipólito, que deixaram de ser migrantes temporários e hoje vivem despreocupados, ocupam-se com suas produções - mesmo que sejam somente para subsistência.

Durante a reunião da Associação, percebemos a felicidade dos assentados compartilhando as vitórias, indagando o agrônomo da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural -EMATER- sobre questões relativas à longa estiagem (seis meses sem chuva no norte-mineiro), questionando os representantes do Sindicato dos Trabalhadores

Rurais sobre a liberação das verbas do Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF-. Ao final da reunião foi feito um bingo e servido um lanche coletivo - caldo de cana, café, bolos e biscoitos - fruto do trabalho desenvolvido no Assentamento.

Acreditamos que o fato de o Assentamento estar localizado no espaço onde os trabalhadores nasceram, cresceram e criam seus filhos propicia uma maior identidade, uma ruralidade-lugar. Tuan (1983, p. 224) avalia: “o sentido do lugar oferece a qualidade do equilíbrio do conhecimento e faz cada pessoa se sentir enraizado no lugar onde nasceu e habita.” Consideramos também que políticas públicas que fixam o homem no campo, como mencionou o Sr. Euclides – Presidente do Sindicato Rural dos Trabalhadores de Mirabela-, pode ser uma alternativa para melhorar a vida dos migrantes temporários de Mirabela e região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a migração temporária é de fato um meio de sobrevivência para os mirabelenses, porém acreditamos que a implantação de políticas públicas que possibilitem emprego à população no lugar de vivência propiciam melhores condições de vida às famílias. A fixação do homem no campo, como no Assentamento Santo Hipólito, significa a reterritorialização – a oportunidade de dar àqueles que foram migrantes um modo de vida mais digno, próximo de seus familiares.

Percebemos alegria nos ex-migrantes que nos receberam, relataram suas histórias de vida, permitindo que participássemos do seu modo de viver. Notamos que o espaço do cotidiano assegura comodidade, tranquilidade, o prazer de terem a “terrinha”, estão cheios de esperança de uma vida melhor. Expressam a reterritorialização - uma relação de pertencimento com o lugar, afinal é muito difícil ficar longe do espaço de vivência e quando estavam distantes acabavam perdendo o elo com filhos, esposas, vizinhos, valores da terra natal. Conforme as mulheres, a presença dos cônjuges tem um sentido de harmonia, “viver em família”, eles não desejam que os filhos sigam a saga de errante dos pais; a felicidade também é visível no olhar dos filhos que têm seus pais próximos, desenvolvendo as atividades agrícolas juntos, partilhando as vitórias e dificuldades.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, André, PEREIRA, Carlos Olavo da Cunha e TAUCCE, Pedro Paulo. *Minas: Enciclopédia dos Municípios Mineiros*. Volume I. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 1998. Pág 267.

CLAVAL, Paul. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In. CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Rose. *Matrizes da Geografia cultural*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

FILHO, Marcondes Ciro (coord). *Pensar – Pulsar: Cultura Comunicacional, tecnologias e velocidade*. São Paulo: Edições NTC, 1996.

GARNIER, Jacqueline Beaujeu. *Geografia da População*. Trad: Leônidas Gontijo de Carvalho. 2ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

HAESBAERT, Rogério Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, I. et al. (orgs). *Geografia: conceitos e temas*. 3^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HISSA; Cássio Eduardo Viana; CORGOSINHO, Rosana Rios. *Recortes de lugar. Geografias*. Revista do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia. IGC/UFMG, janeiro-junho. Vol.2, n.01, 2006 P. 7-21

IBGE.INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico de Mirabela de 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acesso em 2 de março de 2008.

LEE, Everett. Uma teoria sobre a migração. In. MOURA, Hélio Augusto (Org). *Migração interna. Textos selecionados*. Fortaleza-CE: Banco Nordeste do Brasil S.A. 1980.

MARTINS, José de Souza . *Não há terra para plantar neste verão*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

MENEZES, Frederico Lucena. Migração: uma perspectiva psicológica, uma leitura pós-moderna ou, simplesmente, uma visão preconceituosa. In CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti et al. *Migração e identidade: olhares sobre o tema*. São Paulo: Centauro, 2007.

MENEZES, Marilda Aparecida de. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses – migrantes*. João Pessoa-PB: EDUFPB, 2002.

MIRABELA. *Histórico do Município de Mirabela-MG*. Câmara Municipal de Mirabela, 1996.

PEREIRA, Anete Marília. A urbanização no sertão norte-mineiro: algumas reflexões. In PEREIRA, Anete Marília, ALMEIDA, Maria Ivete Soares de (org). *Leituras geográficas sobre o norte de Minas Gerais*. Montes Claros-MG: Unimontes, 2004.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Unesp, 1999.

SILVA, R. SILVEIRA, I.M. C. S. FONSECA, G. S. *Espaço vivido, lugar e ruralidade em Muquém, distrito de Mirabela-MG*. Florianópolis (SC): X Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 2007.

TUAN, Yu-fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.